

SÃO PAULO — "Como é o seu nome completo?" Se você um dia ouvir essa pergunta de um escritor amigo que, atabalhoado no meio da legião anônima de admiradores numa sessão de autógrafos, acabou se esquecendo, coitado, do seu sobrenome, não o perca assim tão facilmente: desconfie. Pois esse ardiloso escritor, tão amigo seu, pode ter simplesmente apagado a sua existência da memória. Tente jogar com ele, ofereça outro nome. E veja se ele não aceita a sua mentira para iniciar uma dedicatória no livro. De lâmbuja, o nome inventado pode ainda receber um forte abraço.

A maior maratona de autógrafos do Brasil, a Bienal do Livro, que encerra à sua décima edição no próximo domingo, no Parque do Ibirapuera, está repleta de truques como esse, além de outras saborosas histórias em torno desse objeto, próximo e distante do público leitor: o autógrafo. Por causa dele, por exemplo, o escritor Fernando Sabino ligou para uma funcionária do estande da Editora Record horas antes de autografar o seu novo livro, "O tabuleiro de damas", para certificar-se de que teria uma boa quantidade de leitores a sua espera. Em outra ocasião, o mesmo escritor trocou uma dessas sessões por encorajadoras doses de uísque num boteco em frente a uma livraria onde mingua-dos fãs o aguardavam. Para ele, enfrentar um público pequeno é sempre pior do que ser requisitado por muitos ao mesmo tempo.

Também por causa do autógrafo, o romancista João Ubaldo Ribeiro,



João Ubaldo confessa que a sua timidez não permite que faça dedicatórias que fujam ao lugar comum.



O medo de Fernando Sabino é o de enfrentar pequeno público, pior do que ser requisitado por muitos.

autor do épico *Viva o povo brasileiro*, recusou-se a comparecer ao estande da Editora Nova Fronteira na Bienal, no último sábado. Numa de suas crônicas mais inspiradas do livro *Sempre aos domingos*, ele confessa a sua tremenda falta de talento para essas ocasiões: "(...) Não consigo fazer dedicatórias que não sejam com a admiração do..." e fico nervoso quando mais de duas pessoas me olham simultaneamente. Então me sento lá e, invariavelmente, esqueço os nomes dos bondosos amigos que aparecem nos lançamentos e ignoram os pedidos desesperados que eu faço ao pessoal que vende os livros para que anotem a lápis os nomes", escreve ele na crônica que, por sinal, leva o título encontrado na primeira linha desta reportagem ("Como é o seu nome completo?"), golpe manjadíssimo de muitos escritores. Só que naquele texto, João Ubaldo faz a pergunta ao próprio pai.

O jornalista Fernando Moraes, autor de *Olga*, que como João Ubaldo e Rubem Braga costuma ter também desses brancos, ensina outro macete: "Não me lembro a grafia exata do seu nome", não hesita em arriscar. O maior problema, ele admite, é quando o nome é do tipo "João da Silva". Para Ignácio de Loyola Brandão, autor de *O verde violentou o muro*, "dar autógrafos é mais difícil que escrever livros". Ele também fica vulnerável, nessas oportunidades, ao esquecimento de nomes conhecidos. "Todo mundo deveria fazer como Mário Quintana que, mesmo sendo a figura de renome que é, tinha a humildade de entregar o seu nome escrito numa folha à parte para não oferecer o menor risco de constrangimento ao escritor de quem

pedisse uma dedicatória", aconselha Loyola. Mas o autor de *Zero* já se viu diante de situações que poderiam ser muito mais embaraçosas. Certa ocasião, uma desconhecida pediu a ele uma dedicatória que causasse a impressão de que os dois fossem íntimos. Sem perder o humor, ele então escreveu: "Você se lembra da sacanagem que fizemos nos parques de Berlim?"

O leitor pode não imaginar ou achar engraçado, mas há problemas até mais elementares provocados por essas cirandas de autógrafos. O mesmo Loyola pode até hoje exibir um calo formado no dedo em agosto passado, quando lançou *O ganhador* e tomou um porre de 12 horas consecutivas de autógrafos. Para não tornar-se outro ganhador de calos, o compositor Tom Jobim, que lançou nessa Bienal, com sua mulher, Ana Lontra, *Ensaio poético*, a uma certa altura começou a dar autógrafos com a mão esquerda. Decerto o seu caso era mais grave: justificou que a mão direita já estava doendo e precisava dela para tocar piano.

Outro entrave parece ser a timidez de boa parte dos autografantes. Cora Rónal, que autografou na 10ª Bienal um livro infantil, faz parte desse rol: "Detesto tudo isso", confessou, "me sinto exposta numa espécie de jardim zoológico com a placa não alimentem os animais trocada por alimentem os escritores." Por sorte, Cora tinha ao seu lado um desinibidíssimo Millôr Fernandes, distribuindo dedicatórias e, principalmente, desenhos divertidos para os que adquiriram, no estande da Editora Record, o seu último livro *A vaca foi pro brejo*.

Espera-se, por outro lado, nunca



A preocupação de Lygia Fagundes Telles é ser afável com os seus leitores, procura fixar-lhe os rostos.

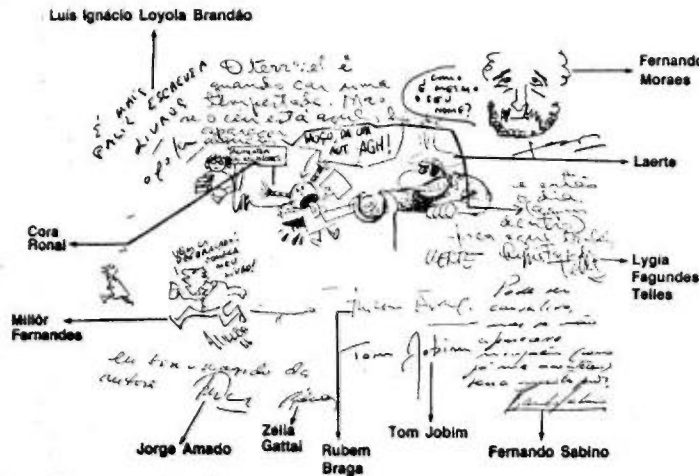


Ignácio de Loyola Brandão se sente vulnerável ao esquecimento de nomes conhecidos, um verdadeiro pânico.

decepcionar um admirador. Digamos que esse não seja exatamente o caso, mas se o dissidente cubano Guillermo Cabrera Infante caprichasse mais na sua letra, evitaria o embaraço dos leitores que, por não compreender uma palavra sequer da dedicatória recebida no *Vista do amanhecer no trópico*, editado pela Companhia das Letras, só conseguiram lhe dizer: "Puxa, como a sua letra é grande..." De fato, três garranchos ocupavam uma folha inteira. O escritor Ivan Ângelo nota ainda que uma dificuldade é não ter frases geniais para oferecer para tanta gente. Há tentativas de perver-

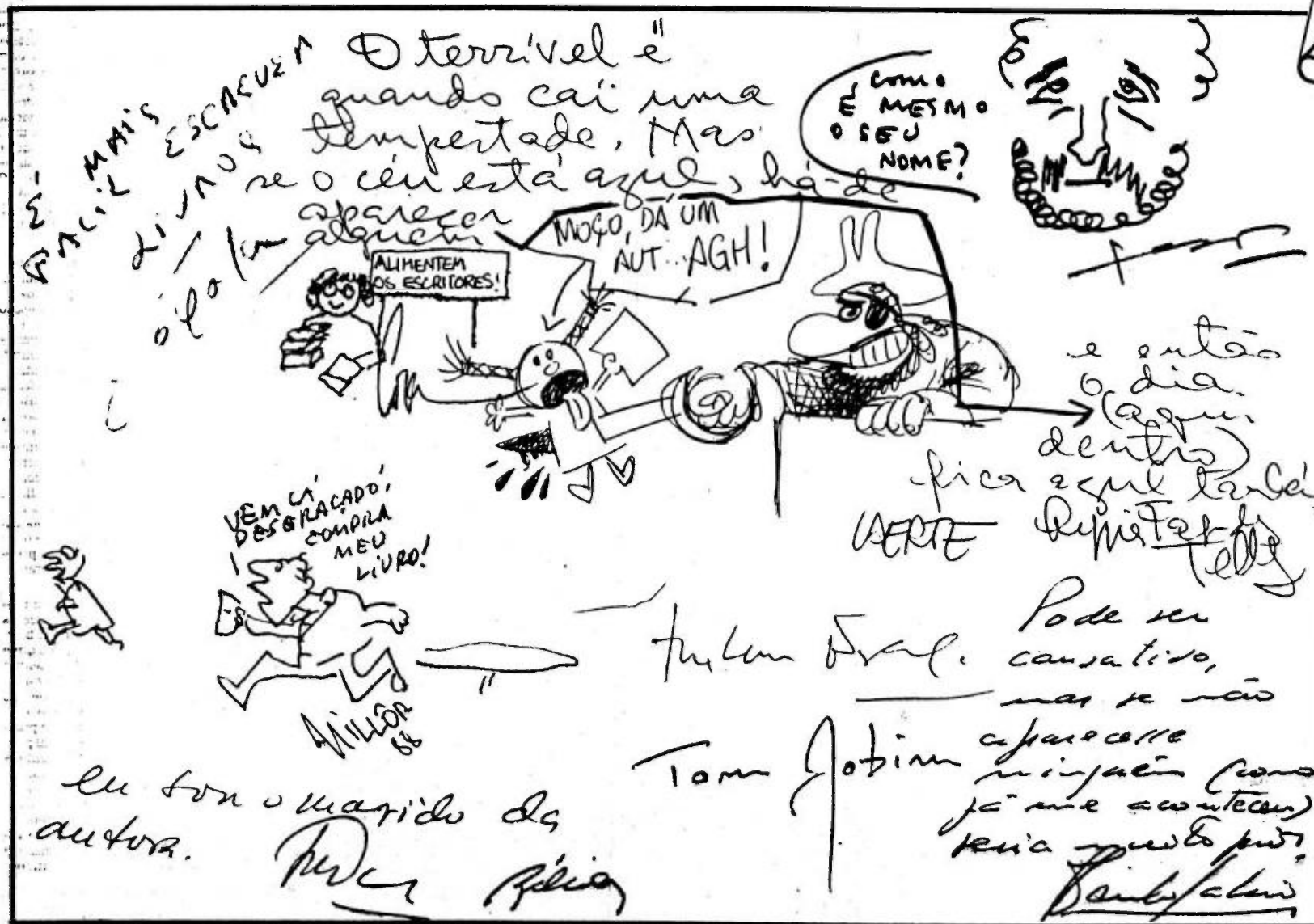
sões, como a do poeta Paulo Leminski que uma vez optou por distribuir, democraticamente, a mesma frase para todos. Mas em geral os escritores gostam de dizer que cada pessoa inspira uma dedicatória diferente. "Não me importo muito com os nomes, presto mais atenção nas caras", disse Lygia Fagundes Telles, uma das escritoras mais requisitadas no estande da Editora Nova Fronteira. Amabilíssima, a autora de *Ciranda de pedra* é uma autografante que todo fã gosta de ter perto. Mais seco, o escritor baiano Jorge Amado não dá tanta atenção aos pedintes. Caneta em punho, dispensa um autógrafo por segundo, sem tempo para olhar a expressão dos admiradores. As vezes, porém, surpreende: na fila dos requisitantes dos autógrafos de Jorge Amado, no lançamento do ensaio *Jorge bem/mal amado*, de Jean Rocha, Maria Luíza Fernandes, de 24 anos, pediu a ele a canhada: "Queriam um autógrafo para o meu namorado Vando." O baiano deu um risinho e compreendeu: "Para você que tem o privilégio de ser o namorado de Maria Luíza", escreveu. A satisfação foi tanta, que a jovem ainda enfrentou a fila mais duas vezes, providenciando também autógrafos para a tia e uma amiga.

O autor pode até se sentir, como o quadrinhista Laerte, que encarnou o personagem interpretado por Willian Katt, no filme *A casa do espanto*, de Steve Miner — nele, um respeitável escritor olha para os presentes na sua sessão de autógrafos — punks, burocratas, risonhas donas-de-casa, crianças com seus cachorrinhos — a cochicha no ouvido de seu editor: "Então é esse o meu público?"



A novela dos autógrafos

Para os escritores é mais fácil ficar meses criando personagens do que enfrentar o público



Durante alguns horas, percorrendo os estandes da Bienal do Livro de São Paulo, recolheram-se autógrafos de escritores que aceitam, com muita resistência, a imposição de distribuir dedicatórias e charme nos seus livros. Ignácio de Loyola acha mais fácil escrever livros a autografar. Millôr Fernandes cativa o público com seus desenhos. Jorge Amado sempre procura estar ao lado da mulher Zélia Gattai. O medo de que não apareçam compradores é motivo de brincadeiras de Fernando Sabino e de Laerte. Com poesia, como faz Lygia Fagundes Telles, ou simplesmente assinando seu nome, como Tom Jobim e Rubem Braga, ou ainda refletindo dúvidas, como as de Fernando de Moraes, todos querem chegar ao final da maratona de autógrafos sem cometer gafes e com muito livros vendidos. Tem de identificar os autógrafos ao lado e contra o resultado no diagrama no pé da página